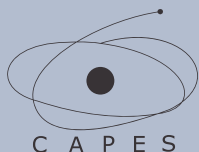


cadernos

IHU
ideias

As
possibilidades de
Revolução
em Ellul

Jorge Barrientos-Parra



INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS



As possibilidades da Revolução em Ellul

The chances of Revolution in Ellul

Jorge Barrientos-Parra
UNESP

Resumo

O autor, tendo como base a obra *Mudar de Revolução*, analisa, neste texto, em caráter preliminar, o que Jacques Ellul entende como sendo o estrutural e o existencial numa revolução marxista. Analisando as principais experiências desse tipo, o pensador francês constata o seu fracasso a partir da opção pela tecnicização da sociedade. Entretanto, constata também a validade dos objetivos de Marx de superação do proletariado e da alienação. Assim, um socialismo revolucionário e libertário seria possível dentro de determinadas condições. No plano existencial, Ellul questiona em cada um de nós o arraigo dos valores da eficácia, do poderio e da busca do dinheiro como principais finalidades da vida, propondo uma autêntica e radical transformação antes da tomada do poder. Dessa forma, o autor desenvolve o conceito elluliano da revelação de Deus em Jesus Cristo como alavanca e ponto de apoio da revolução.

Palavras-chave: Mudar de Revolução. Socialismo. Sociologia da Técnica. Âmbitos da Revolução. Revelação Bíblica. Ensinos de Jesus. Ética cristã. Amor ágape.

Abstract:

The author, based on the work *Change of Revolution*, analyzes what Jacques Ellul understand as structural and existential in a Marxist revolution. Analyzing the main experiences of this type, the French thinker finds its by technification of the society. However, it also notes the validity of Marx's objectives of overcoming the proletariat and the alienation. Thus, a revolutionary and libertarian socialism would be possible under certain conditions. On an existential level, Ellul questions in each one of us the permanence of efficiency values, of power and the pursuit of money as the main purpose of life, offering an authentic and radical transformation before the seizure of power. Thus, the author develops the Ellulian concept of God's revelation in Jesus Christ as a lever and fulcrum of Revolution .

Keywords: Change of Revolution, Socialism, Sociology of Technique, Scopes of the Revolution, Biblical revelation, Teachings of Jesus, Christian ethics, Agape.

cadernos **IHU** ideias

As possibilidades da Revolução em Ellul

Jorge Barrientos-Parra

Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho – UNESP

ano 12 • nº 209 • vol. 12 • 2014 • ISSN 1679-0316

INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS



UNISINOS



C A P E S

Cadernos IHU ideias é uma publicação quinzenal impressa e digital do **Instituto Humanitas Unisinos** – IHU que apresenta artigos produzidos por palestrantes e convidados(as) dos eventos promovidos pelo Instituto, além de artigos inéditos de pesquisadores em diversas universidades e instituições de pesquisa. A diversidade transdisciplinar dos temas, abrangendo as mais diferentes áreas do conhecimento, é a característica essencial desta publicação.

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS – UNISINOS

Reitor: Marcelo Fernandes de Aquino, SJ

Vice-reitor: José Ivo Follmann, SJ

Instituto Humanitas Unisinos

Diretor: Inácio Neutzling, SJ

Gerente administrativo: Jacinto Schneider

www.ihu.unisinos.br

Cadernos IHU ideias

Ano XII – Nº 209 – V. 12 – 2014

ISSN 1679-0316 (impresso)

Editor: Prof. Dr. Inácio Neutzling - Unisinos

Conselho editorial: MS Caio Fernando Flores Coelho; Profa. Dra. Cleusa Maria Andreatta; Prof. MS Gilberto Antônio Faggion; Prof. MS Lucas Henrique da Luz; MS Marcia Rosane Junges; Profa. Dra. Marilene Maia; Dra. Susana Rocca.

Conselho científico: Prof. Dr. Adriano Neves de Brito, Unisinos, doutor em Filosofia; Profa. Dra. Angelica Massuquetti, Unisinos, doutora em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade; Profa. Dra. Berenice Corsetti, Unisinos, doutora em Educação; Prof. Dr. Celso Cândido de Azambuja, Unisinos, doutor em Psicologia; Prof. Dr. César Sanson, UFRN, doutor em Sociologia; Prof. Dr. Gentil Corazza, UFRGS, doutor em Economia; Profa. Dra. Suzana Kilpp, Unisinos, doutora em Comunicação.

Responsável técnico: MS Caio Fernando Flores Coelho

Revisão: Carla Bigliardi

Editoração eletrônica: Rafael Tarcísio Forneck

Impressão: Impressos Portão

Cadernos IHU ideias / Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Instituto Humanitas Unisinos. – Ano 1, n. 1 (2003) - . – São Leopoldo: Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2003- . v.

Quinzenal (durante o ano letivo).

Publicado também on-line: <<http://www.ihu.unisinos.br/cadernos-ihu-ideias>>.

Descrição baseada em: Ano 1, n. 1 (2003); última edição consultada: Ano 11, n. 204 (2013).

ISSN 1679-0316

1. Sociologia. 2. Filosofia. 3. Política. I. Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Instituto Humanitas Unisinos.

CDU 316

1

32

Bibliotecária responsável: Carla Maria Goulart de Moraes – CRB 10/1252

ISSN 1679-0316 (impresso)

Solicita-se permuta/Exchange desired.

As posições expressas nos textos assinados são de responsabilidade exclusiva dos autores.

Toda a correspondência deve ser dirigida à Comissão Editorial dos Cadernos IHU ideias:

Programa de Publicações, Instituto Humanitas Unisinos – IHU
Universidade do Vale do Rio dos Sinos - Unisinos
Av. Unisinos, 950, 93022-000, São Leopoldo RS Brasil
Tel.: 51.3590 8213 – Fax: 51.3590 8467
Email: humanitas@unisinos.br

AS POSSIBILIDADES DA REVOLUÇÃO EM ELLUL

Jorge Barrientos-Parra

Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho – UNESP

“Je suis donc resté incapable d’éliminer Marx, incapable d’éliminer la révélation biblique, incapable de fusionner les deux... J’ai donc commencé à être écartelé entre les deux et je le suis resté toute ma vie. Le développement de ma pensée s’explique à partir de cette contradiction.”
(Jacques Ellul)

1 Introdução

Em 1989 caiu o Muro de Berlim. Se por um lado esse evento sinalizou para alguns o triunfo do capitalismo sobre o socialismo, para outros é a ocasião de refletir sobre a possibilidade teórica da existência de uma sociedade sem exploradores nem explorados, uma sociedade sem grilhões, sem proletariado, uma sociedade socialista de acordo com a proposta original de Marx.

Ellul, fazendo uma fina análise dos principais processos revolucionários marxistas do século passado em *Mudar de revolução*¹, situando-se nas fronteiras da Ciência Política, da Sociologia e da Teologia e utilizando o discurso dialético como ferramenta metodológica, levanta questões fundamentais como: Quando e por que essas tentativas de construção do socialismo fracassaram? Por que os grilhões dos proletários não foram quebrados? Por que o Estado, em lugar de desaparecer, se fortaleceu? A revolução é possível, ainda, hoje? Em que condições e quem fará a revolução? As mudanças propostas alcançam somente as estruturas econômicas e políticas? Que aspectos existenciais teriam espaço na revolução?

Não temos espaço aqui para esgotar essas questões que nos parecem cruciais na matéria. Por outro lado, esse artigo não pretende aportar nada conclusivo em relação ao pensamento de Ellul, sendo apenas uma análise parcial e introdutória em relação ao tema da revolução².

1 *Mudar de revolução: o inelutável proletariado*. Rio de Janeiro: Rocco, 1985. Tradução de: *Changer de révolution: l’inéluctable prolétariat*. Paris: Seuil, 1982.

2 Desde a sua juventude, Ellul pensou a questão da revolução. Assim, nos anos 1930, juntamente com Bernard Charbonneau, escreve *“Directives pour une société personnaliste”*. Uma reflexão teórica original que servirá de base aos trabalhos posteriores sobre a revolução. Ellul retoma os trabalhos sobre a questão com *“l’Autopsie de la révolution”* em 1969 e *“Changer de révolution”* em 1982. Tendo como fonte de inspiração o marxismo, ele faz aportes originais. Aborda o

2 As Experiências Revolucionárias Marxistas

Ellul estuda as principais experiências socialistas no mundo. Chegando à conclusão de que o proletariado continua a ser criado, que a mais valia continua a ser apropriada, não mais pelo capitalista, agora pelo Estado, constata então o seguinte encaqueamento: “a tecnicização não pode se dar sem a industrialização. Esta não se pode realizar sem capital. O capital não se pode constituir sem o processo de acumulação primitiva. E este produz inelutavelmente um proletariado. Que essa acumulação primitiva seja feita por um capitalista privado ou um estado socialista, tanto faz, o resultado é idêntico. Voltamos então a essa constatação escandalosa (e, no entanto, já parcialmente esboçada por Marx) de que o proletariado não é produto direto do capitalismo, mas da industrialização... o resultado da expansão das máquinas e da divisão do trabalho” (1985, p. 86). De sorte que seja na América Latina, na África ou na Ásia, onde houver a industrialização, a modernização acelerada da economia, haverá a criação de um proletariado (cf. ELLUL, 1985, p. 89).

Ora, dizer acumulação, luta pela produção, progresso e desenvolvimento econômico implica em: técnica e eficácia!

Quanto ao exército, à polícia, aos campos de trabalhos forçados, aos controles, cumprem o seu papel em função do imperativo técnico. Exige-se uma população totalmente submissa e que possa ser utilizada, segundo as necessidades, ao sabor da conjuntura. O Estado centralizador reforça o poder da burocracia que se impõe sobre a sociedade tirando-lhe a liberdade. Os burocratas e tecnocratas tornam-se assim os verdadeiros detentores do poder (cf. ELLUL, 1985, p. 89). Não se aceita outro pensamento a não ser a linha oficial do Partido Comunista no poder. Qualquer dissenso se afoga *manu militari*, por exemplo: o massacre dos estudantes na Praça da Paz Celestial – Tiananmen – em Pequim, em junho de 1989.

tema de uma maneira nova, começa com a percepção de uma situação desde o ponto de vista sociológico, distinguindo revolta e revolução. Uma revolta é visceral, imediata. No início não tem nenhuma teoria, se expressa apenas no sentimento do intolerável e da acusação. A revolta, quando às vezes é bem-sucedida, é paralisada pelo seu próprio êxito. O que caracteriza a transformação da revolta em revolução é o esforço que conduz a uma organização nova. Já a revolução, de acordo com Ellul, implica numa doutrina, num projeto, num programa. Assim a revolução tem certas linhas de força intelectual que a revolta não tem. A revolução tende à institucionalização, de sorte que apresenta dois tipos de protagonistas: os revoltados e os gerentes ou organizadores. Ellul explica que a revolta não atinge o nível da revolução quando existem somente as massas e os revoltados: é necessário que existam os organizadores, isto é, aqueles que colocam ordem depois que a rajada passa. *“La révolte peut d’ailleurs prendre une dimension considérable, elle peut embraser un pays, et même triompher. La révolte n’est pas forcément vaincue, écrasée, il lui arrive de détruire le pouvoir et les structures de la société qui l’avaient provoquée. Mais ni l’ampleur ni la victoire ne font de la révolte une révolution”*. Autopsia de la révolution. Paris: La Table Ronde, 2008. p. 21.

3 Mudar de Revolução

Para Ellul, a proposta de revolução na concepção de Marx continua válida, isto é, o objetivo de terminar com a exploração e com a alienação do homem, de alcançar a justiça social, de extinguir o proletariado e o Estado, nas suas palavras “...o socialismo é a única orientação política possível, pois é a única em que se diz expressamente, se declara que o objetivo é o fim do proletariado, o fim da alienação, a libertação do homem” (1985, p. 212-213).

Entretanto, o consagrado pensador francês nota que, muito embora essas propostas de Marx continuem atuais e suponham uma revolução, esta não tem mais os mesmos objetivos nem os mesmos meios. Isto porque os tempos mudaram, a sociedade não é a mesma daquela de meados do século XIX. Os dois fatores de alienação humana hoje são, de um lado, o “Estado burocrático centralizado, funcionando como potência específica, independente e autônoma, e, de outro, o sistema técnico, funcionando como sistema de poderio e de dominação”. Segue-se daí que “a libertação hoje só pode ser feita em relação ao Estado, que deve ser suprimido, e em relação à técnica, que deve ser controlada” (1985, p. 214). Ellul precisa que não é a técnica em si que nos escraviza, mas a sacralização dela, o homem de forma irresistível constrói a sua vida a partir dela. A técnica passa então a ocupar o primeiro lugar na sua existência, trazendo-lhe uma falsa sensação de poderio e uma falsa segurança. Da mesma forma, não é o Estado em si que nos escraviza, mas a sacralização dele – “*sa transfiguration sacrale qui nous fait projeter notre adoration vers cet amalgame de bureaux*” (ELLUL, 2003, p. 316).

Assim, não se trata absolutamente de aumentar o nível de vida à custa de novas alienações. Trata-se de “um socialismo da liberdade e ao mesmo tempo revolucionário” (cf. ELLUL, 1985, p. 233).

Para Ellul, uma revolução não é uma série de pequenas reformas (reformazinhas), muito menos um jogo. Para ele, uma revolução exige um questionamento que mude as nossas crenças, nossas ideias, ideais e esquemas habituais. Ensina que uma revolução “é uma coisa séria, difícil, radical, fundamental, envolvendo todos e cada um, os indivíduos e as estruturas, não deixando nada intacto” (1985, p. 235). Por isso, nem sempre é premente e indispensável, somente é necessária quando a sociedade se defronta com um perigo imenso no seu caminho, por exemplo, a supressão da escravidão, do regime feudal em 1789 ou a supressão do proletariado no século XIX.

4 A Revolução nos Dias de Hoje: o Âmbito Estrutural

Ora, uma revolução é necessária hoje porque é monstruoso o fosso existente entre os ricos e os pobres. Além disso, porque é enlouquecedor o avanço da técnica, cada vez mais poderosa e autônoma, acarretando consequências certamente positivas, po-

rém também negativas para o homem e o meio ambiente devido à sua ambivalência. Os profundos impactos do progresso técnico na biosfera demonstram que o nosso mundo de recursos finitos não suporta um crescimento econômico infinito.

Assim, para Ellul, é possível, a partir da junção do socialismo autogestionário e da microinformática, a possibilidade de lançar as bases da “única revolução que consiste em tomar não o poder, mas as potencialidades positivas das técnicas modernas, e orientá-las no sentido único da libertação do homem” (1985, p. 246). Não entraremos aqui na análise da questão temporal, isto é, se ainda se encontram dadas as condições históricas para essa revolução ou já é demasiado tarde para isso. O que concretamente temos em *Mudar de Revolução* é essa porta aberta no plano teórico de destruição do poder do Estado, trazendo a igualdade e acabando com a alienação e, por outro lado, a possibilidade de subordinação da técnica e destruição do sistema técnico. “A automatização-informatização permitiria, com efeito, reduzir ao extremo o trabalho obrigatório para responder às necessidades de base. Permitiria também a supressão do centro de decisão e a dispersão em unidades produtivas e unidades políticas muito reduzidas, sem romper a coerência” (ELLUL, 1985, p. 247).

Nesse diapasão, Ellul, citando autores como Schumacher³, Illich⁴, Gorz⁵, Adret⁶, Lacroix⁷ e Castoriadis⁸, entre outros, relaciona cinco elementos de uma revolução atual:

- i) Reconversão total do poderio produtivo do mundo ocidental para ajudar os países em desenvolvimento, gratuitamente, sem juros, sem tutela, sem invasão militar, nem cultural;
- ii) Opção deliberada pelo não poderio, renúncia aos meios militares que esmagam as economias e supressão radical do Estado centralizador e burocrático;
- iii) Dispersão e diversificação em todos os domínios;
- iv) Drástica redução do tempo de trabalho;
- v) Repartição entre todos os membros da sociedade do produto anual da riqueza produzida pelas usinas automatizadas e informatizadas.

Nesse ponto o autor situa-se na fronteira de várias disciplinas. Num momento *sui-generis*, em que os argumentos puramente econômicos não convencem; em que as opções político-militares são despojadas de fascínio; em que os valores da pro-

3 O negócio é ser pequeno. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

4 Sobre Illich, Ellul sublinha o conceito de convivialidade desenvolvido no seu texto *La convivialité*, cf. *Oeuvres Complètes*. Paris: Fayard, 2004-2005.

5 *Adieux au prolétariat*. Paris: Le Seuil, 1981.

6 *Travailler deux heures par jour*. Paris: Le Seuil, 1977.

7 *L'Utopie communautaire: histoire sociale d'une revolte*. Paris: Presses universitaires de France, 1981.

8 *Le contenu du socialisme*. Paris: Ed. C. Bourgois, 1979.

atividade e da eficácia são questionados; em que a segurança postulada pelo Direito se mostra aquém das aspirações de justiça. Nesse ponto ele atravessa decididamente a linha fronteira, deixando para trás as (in)certezas da Ciência e os valores da nossa sociedade ocidental hoje transformados em letra morta para questionar o âmago do homem – “*a letra mata e o espírito vivifica*”.

Para o pensador de Bordeaux, muito embora seja difícil essa empreitada, é possível subverter “a força das coisas” e é possível reagir ao desenfreado progresso técnico caminhando em direção contrária “às leis da história”. De sorte que, superando o essencial pessimismo que decorre da análise da sociedade contemporânea, Ellul abre uma porta de esperança para o homem de nosso tempo. Afirma que a Revolução para pôr fim a todas as alienações é possível! Ao mesmo tempo o convida a medir a profundidade e a radicalidade dessa operação que exige “motivações essenciais” e “uma segurança que ultrapassam as da história ou da teoria” (1985, p. 278), mostrando que o estrutural nessa matéria está estreitamente vinculado ao existencial. Desde o ponto de vista filosófico, nos situamos aqui no âmbito das reflexões de Kierkegaard, que advogou um pensar existencial, no qual o sujeito pensante inclui-se ele próprio na sua reflexão enquanto ente biopsicossocial. Em outras palavras, para o pensador dinamarquês, a existência humana não se restringe à conceituação intelectual⁹. Este olhar que não ignora a existência concreta do ser humano com as suas questões mais profundas em face dos outros, face à vida e à morte, em relação a Deus e em relação ao sentido da existência se inscreve na linha das reflexões de Qohelet no Eclesiastes.

5 O Âmbito Existencial na Revolução

Para empreender uma revolução em nosso tempo por uma via não utópica e plenamente humana, são necessárias motivações radicais. Nesse ponto Ellul passa para a esfera das convicções pessoais, situando-se no plano teológico. Em outras palavras, deixando de lado as práticas individuais (morais cristãs) e de instituições eclesiais que lhe parecem historicamente deformadoras, passa a considerar a mensagem bíblica.

Assim, convidamos o leitor a sair do plano estrutural e adentrar no existencial. Nesse âmbito, Ellul declara que definitivamente apenas a revelação de Deus em Jesus Cristo poderia fornecer ao mesmo tempo a alavanca e o ponto de apoio para um empreendimento revolucionário (1985, p. 278).

9 Sobre Kierkegaard a bibliografia é vasta, o leitor pode consultar preliminarmente o volume Søren Aabye Kierkegaard, editado pela Abril Cultural em 1979, na coleção “Os Pensadores”.

Aponta para a pessoa de Jesus Cristo na sua dupla natureza divina e humana. Ele é o Verbo de Deus – “No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus e o Verbo era Deus”¹⁰. Em outras palavras, Jesus Cristo como Filho de Deus vem ao mundo para além da sua obra salvadora, mostrar ao mundo o “homem novo”.

Sendo Jesus Cristo o homem segundo o coração de Deus, o chamado para cada um de nós é seguir as suas pegadas, é descobrir a sua pessoa e a sua obra pela fé. A mensagem é esta: Deus deu o seu Filho (Jesus) para que todo aquele que nele crê não morra, mas tenha a vida eterna¹¹. Ora, a fé em Jesus Cristo tem implicações no plano existencial e no plano ético que veremos a seguir.

6 A Exigência da Transformação Pré-Revolucionária do Homem

De acordo com Ellul, para que o socialismo seja possível, é necessária a conversão de *cada um*, isto é, deve aparecer um novo homem, um homem com uma nova concepção de vida em que a busca do poderio, do sucesso e do dinheiro não sejam mais os motivos determinantes. E essa conversão deve acontecer *antes* da tomada do poder, e não *depois*. “Pois se trata de uma mutação de civilização, e se a mudança dos homens devesse fazer-se depois da tomada do poder, eles fariam penetrar no mundo novo exatamente todos os comportamentos, todas as necessidades, todos os desejos que existiam no mundo antigo” (ELLUL, 1985, p. 275). É conhecido o histórico conflito havido entre marxistas e anarquistas. Os primeiros afirmavam que as características do homem são o resultado das relações de produção, de sorte que a mudança das relações de produção, por consequência, mudaria também o homem. Os anarquistas, por seu lado, entendiam que era necessário proceder a uma longa educação anterior (Griffuelles, Pelloutier, Pouget) que deveria levar a uma transformação do homem para torná-lo capaz de viver o socialismo. As variadas experiências socialistas até hoje demonstram que os anarquistas tinham razão, as relações econômicas e todo tipo de educação e reeducação socialista não chegam a transformar o homem. Em outras palavras, a revolução socialista é incapaz de mudar o homem; dessa forma, o sistema socialista também não aporta nenhuma mudança ao sistema técnico cuja lógica acaba se impondo e acarretando todos os vícios da tecnicização. Essa tem sido a história das experiências socialistas, a subordinação de todas as coisas à eficácia e ao poderio com a perpetuação do proletariado, das alienações e a perda da liberdade do homem. Em outras palavras, ao fracasso do socialismo.

10 João 1:1.

11 João 3:16.

6.1 O Realismo

O realismo, entendido como a atitude de ver por si mesmo os homens e as coisas tais como são, sem idealismo e sem ilusão, reconhecendo a maldade humana oriunda do problema do pecado. O homem não é o bom selvagem de Rousseau.

Nas suas reflexões sobre o Eclesiastes¹², especificamente a passagem “Vi ainda debaixo do sol que no lugar do juízo reinava a maldade, e no lugar da justiça, maldade ainda¹³”, Ellul sublinha dois aspectos da maldade humana apontados por Qohelet: a injustiça e a opressão. Assim, exatamente no lugar onde deveria ser distribuída a justiça, ali onde um poder foi instituído para fazer justiça entre os homens, é ali que encontramos instalada a maldade. Isto é a maldade institucionalizada. Estabelecida como poder estatal, distribuidor da prestação jurisdicional, é uma constatação sem nuances. E com esta implacável denúncia de Qohelet se diluem também nossas ilusões de que tudo mudará quando triunfe a revolução, ou quando criarmos boas instituições, boas estruturas administrativas, etc. (Cf. ELLUL, 1987, p. 96). Literalmente, “*la méchanceté siège là ou se rend la justice ou le mal installé comme juge*” (ELLUL, 1987, p. 95)¹⁴.

Esse texto é corroborado por outro cuja atualidade é simplesmente surpreendente e que nos servirá para mostrar o outro aspecto da maldade humana, a opressão: “Se vires em alguma província a opressão dos pobres, e a violência em lugar do juízo e da justiça, não te maravilhes de semelhante caso; pois todo oficial está subordinado a alguém que ocupa posição superior, e sobre os dois há outros em posição ainda mais alta¹⁵”. Neste texto vemos que não se trata de uma torpeza ou de uma vilania acidental de algum funcionário *aloprado*. Não! Na verdade ele obedece àqueles que têm autoridade sobre ele e que são piores. Segundo Ellul (1987, p. 96), um dos fatores da opressão é o fato de que a classe político-administrativa é solidária e de que um administrador injusto encontra sempre um superior para encobri-lo. Assim, *plus on monte dans l'échelle des pouvoirs, plus on a affaire à des hommes mauvais, de pire en pire! Quelle illusion qu'une cour d'appel rende un meilleur jugement qu'un tribunal d'instance!* (Cf. ELLUL, 1987, p. 96).¹⁶

Há ainda outro aspecto da opressão relativo não as estruturas políticas nem administrativas, mas a todo poder que um

12 La raison d'être. Méditation sur l'Écclésiaste. Paris: Seuil, 1987.

13 Eclesiastes 3:16. Bíblia de Estudo Vida. São Paulo: 1998.

14 Tradução livre do editor: “a maldade situa-se aqui onde se faz justiça, ou o mal instalado como juiz” (ELLUL, 1987, p. 95).

15 Eclesiastes 5:8. Bíblia Sagrada, Nova Versão Internacional – NVI. São Paulo: Sociedade Bíblica Internacional, 2000.

16 Tradução livre do editor: “quanto mais subimos na escada do poder, mais estamos lidando com homens maus, e cada vez piores! Que ilusão de que um tribunal de apelação pode fazer um julgamento melhor do que um tribunal de instância (Cf. ELLUL, 1987, p. 96).

homem exerce sobre outro, contra o seu próximo, quaisquer que sejam a forma e os meios¹⁷.

6.2 A exigência de mudança

A exigência da mudança, principalmente no que respeita a nós mesmos, uma vez que temos a tendência de observar sempre os defeitos dos outros. Jesus, no Sermão do Monte, disse: “Por que reparas no cisco que está no olho do teu irmão, mas não percebes a trave que está no teu?”¹⁸. A exigência de mudança implica então um olhar interior, um olhar crítico em relação a si mesmo, um olhar para o ser (o eu) em toda a sua limitação. Sobretudo um olhar honesto em relação às nossas trevas. Como o olhar do salmista: “Eu conheço as minhas transgressões, e o meu pecado está sempre diante de mim”¹⁹. E, a partir dessa constatação, o pedido: “Esconde a tua face dos meus pecados, e apaga todas as minhas iniquidades. Cria em mim, ó Deus, um coração puro e renova em mim um espírito reto”²⁰.

Como descendentes de Adão, estamos essencialmente vinculados à queda. Assim, todos os homens pecam²¹, todos os homens erram, inclusive os revolucionários e os que ocupam altos postos nos partidos ditos “vanguarda da revolução”²², de

17 Nesse sentido Ellul cita A. Maillot, (*La contestation. Commentaire de l'Éclésiaste in Cahiers du Réveil*, Lyon, 1971): “Maillot a une réflexion profonde sur ce texte: «L'homme est-il dénué de tout pouvoir comme de tout savoir? Non – Qohelet découvre que l'homme dispose quand même d'une puissance – c'est contre son prochain. Il ne domine ni sa vie, ni son avenir, ni sa mort, mais il peut dominer son frère, et il ne s'en prive pas – le grand pouvoir de l'homme est celui de faire le mal». (Cf. ELLUL, 1987, p. 97).

18 Mateus 7:3.

19 Salmo 51:3.

20 Salmo 51:9-10.

21 “Não há um justo, nem um sequer; não há ninguém que entenda, não há ninguém que busque a Deus. Todos se extraviaram, e juntamente se fizeram inúteis. Não há quem faça o bem, não há nem um só. A sua garganta é um sepulcro aberto; com as suas línguas tratam enganosamente. Veneno de víbora está debaixo de seus lábios. A sua boca está cheia de maldição e amargura. Os seus pés são ligeiros para derramar sangue; nos seus caminhos há destruição e miséria, e não conhecem o caminho da paz”. Romanos 3:10-17.

22 Este tema da crítica e da autocritica que tem como consequência a exigência da mudança abre um âmbito de pesquisa muito revelador sobre a natureza dos processos revolucionários. Evidentemente Lenin, Stalin, Mao, Tito, Pol Pot, Kim Il Sung, Che Guevara, etc., foram apenas líderes revolucionários, porém todos foram endeusados, idolatrados com culto oficial incentivado pelos seus respectivos Estados e Partidos Comunistas. E todos aqueles que os criticaram foram considerados contrarrevolucionários. Por outro lado, todos os que se autocriticaram com sinceridade assinaram os libelos da sua própria condenação como revisionistas, direitistas, ultraesquerdistas, reformistas e traidores da revolução. Todas as autocriticas sinceras e todas as críticas à revolução foram reprimidas na ex-URSS, China, Cuba, Vietnã, Camboja ou Coreia do Norte, conduzindo via de regra à pena de morte, à prisão ou a processos de reeducação através de trabalhos forçados ou em internações em clínicas psiquiátricas. Sobre o culto a Mao, o leitor pode consultar J. Ellul, *Les nouveaux possédés*. Paris: Fayard/Mille et Une Nuits, 2003, p. 289-291, 296-303.

sorte que na revolução e fora dela temos necessidade de uma real autocrítica que possibilite a mudança, a correção de rumos, a renovação. Em termos teológicos, o arrependimento do homem e a justificação divina.

6.3 A esperança

A esperança implica que em meio à miséria, à reificação da pessoa humana e às alienações a que o homem está sujeito no sistema técnico capitalista e em qualquer outro sistema pode anunciar o dia da sua libertação. Sem querer oferecer ao leitor uma visão de conjunto da teologia da esperança de Ellul, pode-se afirmar que sobre certos pontos é de um otimismo radical (TROUDE-CHASTENET, 1992, p. 151). Isto porque biblicamente sendo Jesus Cristo o Alfa e o Ômega, o princípio e o fim, aquele que é, que era e que há de vir²³, toda esperança humana repousa em última instância sobre ele. Como disse Paulo aos atenienses no seu famoso discurso no Areópago, "...pois nele vivemos, e nos movemos e existimos. Como também alguns dos vossos poetas disseram: somos também sua geração. Portanto, sendo nós geração de Deus, não havemos de pensar que a divindade seja semelhante ao ouro, ou à prata, ou à pedra esculpida pela arte e imaginação do homem. Mas Deus, não levando em conta os tempos da ignorância, manda agora que todos os homens em todos os lugares se arrependam. Pois determinou um dia em que com justiça há de julgar o mundo, por meio do homem que destinou. Ele, disso, deu certeza a todos, ressuscitando-o dos mortos". Portanto, a despeito da realidade circundante, há espaço para ser otimista em Jesus Cristo, porque ele é o penhor da vitória sobre a morte e toda injustiça e opressão.

6.4 A liberdade

Não podemos esquecer que o Deus de Israel primeiramente se revela como o Libertador e que isso nos impele em todos os caminhos da liberdade. Ao revelar-se a Moisés na sarça ardente o EU SOU O QUE SOU, disse-lhe: "De fato tenho visto a aflição do meu povo, que está no Egito, e tenho ouvido o seu clamor por causa dos seus opressores, e conheço os seus sofrimentos. Por isso, desci para livrá-lo das mãos dos egípcios, e para fazê-lo subir daquela terra para uma terra boa e espaçosa"²⁴.

A ação libertadora de Deus tem continuidade na História por meio de Jesus Cristo, que não veio em função dos méritos feitos pelos homens, ao contrário: "Pois é pela graça que sois salvos, por meio da fé – e isto não vem de vós, é dom de Deus –, não das obras, para que ninguém se glorie"²⁵. Esta verdade teológica implica no imperativo ético do amor na liberdade. Se

23 Apocalipse 1:8.

24 Êxodo 3:7-8.

25 Efésios 2:8-9.

as obras não salvam, elas são a consequência ética da presença do cristão no mundo, porque “a fé sem obras é morta”²⁶.

Neste ponto, é oportuno colocar o dilema formulado por Bakunin: ou Deus é todo-poderoso e o homem é o seu escravo, ou o homem é livre e Deus não existe. De acordo com Troude-Chastenot (1992, p. 156), somente uma compreensão dialética da Bíblia permite escapar desse tipo de aporias e a seus problemas insolúveis desde o ponto de vista lógico. A resposta é que a liberdade de Deus (no decurso da História) não exclui a liberdade do homem. Assim, “...le Dieu biblique est éternel, omnipotent, et omniscient mais lui seul entre dans le temps et l'histoire, supporte la misere et le péché de l'homme. Lui Seul est le Dieu Tout-Puissant, venu parmi les hommes par la voie de la non puissance. L'incroyable révélation de la liberté de Dieu est qu'elle n'exclue pas celle de l'homme. Karl Barth a parlé d'obéissance de l'homme libre à l'égard du Dieu libre. C'est un effet dans ce sens qu'il faut comprendre l'intervention divine dans l'histoire humaine. Quoique transcendant, Dieu se mêle constamment de l'histoire des hommes, même s'il existe des périodes de dérégulation, de silence de Dieu”.²⁷

7. Implicações Éticas da Transformação

Depois que o homem é libertado da opressão do pecado²⁸ pela fé²⁹ no sacrifício expiatório de Jesus Cristo³⁰, há lugar para a justiça e a comunhão com Deus e com o próximo. Seguem-se daí uma série de implicações no plano ético. Dos nove âmbitos apresentados por Ellul (1985, p. 278-279), dois nos parecem os mais importantes, a saber: a dessacralização de tudo aquilo que o homem apresenta a si mesmo como ídolos (porque estes ocu-

26 Tiago 2:17.

27 Tradução livre do editor: “...o Deus bíblico é eterno, onipotente e onisciente, mas somente ele entra no tempo e na história, suporta a miséria e o pecado do homem. Somente ele é o Deus Todo Poderoso, vindo entre os homens através do não poder. A incrível revelação da liberdade de Deus é que ela não exclui a liberdade do homem. Karl Barth falou sobre a obediência do homem livre frente ao Deus livre. Trata-se no sentido de compreender a intervenção divina na história humana. Embora transcendente, Deus se mistura constantemente da história dos homens, mesmo se existe períodos de desamparo, de silêncio de Deus.

28 “Quanto ao ímpio, as suas iniquidades o prendem; com as cordas do seu pecado é detido” Pv 5:22; “Disse Jesus: Em verdade, em verdade vos digo que todo aquele que comete pecado é escravo do pecado” Jo 8:34; “Mas vejo nos meus membros outra lei que batalha contra a lei do meu entendimento, e me prende debaixo da lei do pecado que está nos meus membros” Rm 7:23; “Prometem-lhes liberdade, sendo eles mesmos escravos da corrupção; porque de quem um homem é vencido, do mesmo é feito escravo” 2Pe 2:19.

29 “Eis que a sua alma se incha, não é reta nele, mas o justo pela sua fé viverá”. Hc 2:4; “Sendo, pois, justificados pela fé, temos paz com Deus, por meio de nosso Senhor Jesus Cristo”. Rm 5:1. Ver também Rm 3:28; Rm 4:3; 5:18; 9:30; Gn 15:6; Fp 3:9; Hb 10:38; 11:4; Jo 3:16.

30 “Eis o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo!” João 1:29.

pam o lugar de Deus, como o dinheiro, o poder e a natureza); e a relação humana totalmente desinteressada (amor ágape) – como exemplo podemos citar a comunidade de bens entre os primeiros cristãos³¹. Somente assim poderemos ver a **justiça** de exatidão e de paz (não a jurídica, nem a de retribuição), porque Jesus Cristo foi feito por Deus para nós sabedoria e justiça³², e a **verdade** (não dogmática, científica, nem intelectual); Jesus disse: “Eu sou o caminho, a verdade e a vida”³³. Somente assim também poderemos dar lugar ao **espírito total de não poderio** que ultrapassa a não violência, que é a opção do amor, isto é, não dominar, não explorar, não usar sequer os meios de poderio que se poderia ter (Cf. ELLUL, 1985, p. 279).

De sorte que estas práticas não são naturais no homem, nem tampouco decorrem de obrigações de cunho jurídico ou moral impostas por um determinado sistema legal ou religioso, mas são o fruto do homem novo em Jesus Cristo. Assim, para empreender uma revolução com a necessária radicalidade e profundidade, fornecendo-lhe valores e sólidos fundamentos, Ellul propõe uma transformação (*metanoia*) no homem colocando como modelo a própria vida de Jesus Cristo, os seus ensinamentos e o seu ministério, tal como o encontramos na mensagem bíblica.

Não temos a pretensão de desenvolver aqui o vasto tema dos ensinamentos de Jesus nem de analisarmos o seu ministério. Propomo-nos simplesmente assinalar e refletir sobre algumas passagens dos Evangelhos que nos mostram ações e ensinamentos do Mestre, revolucionários para sua época, e precursores de políticas públicas em nossos dias em relação a vários setores sociais, vejamos.

7.1 O amor ao próximo

Superando os ensinamentos do Judaísmo, que se haviam transformado em mera forma, sem vida interior, o próprio Jesus afirmou: “Não penseis que vim destruir a lei ou os profetas; não vim para destruí-los, mas para cumpri-los”³⁴. Assim, logo no início do seu ministério no Sermão do Monte, ele estabelece a **nova lei do amor**³⁵, à qual seria fiel até a morte. Esta lei, dada a sua abrangência, podemos compará-la a uma árvore com muitos ramos. Um primeiro ramo é a não vingança.

31 “Era um o coração e a alma da multidão dos que criam, e ninguém dizia que coisa alguma do que possuía era sua própria, mas todas as coisas lhes eram comuns. Não havia entre eles necessitado algum. Pois todos os que possuíam herdades ou casas, vendendo-as, traziam o preço do que fora vendido, e o depositavam aos pés dos apóstolos. E repartia-se a cada um, segundo a sua necessidade”. Atos 4:32, 34-35.

32 1 Coríntios 1:30.

33 João 14:6.

34 Mateus 5:17

35 Lc 6:27-38; Mt 5:43-48.

7.1.1 A não vingança

“Ouvistes que foi dito: Olho por olho, dente por dente. Eu, porém, vos digo: não resistais ao perverso; mas a qualquer que te ferir na face direita, volta-lhe também a outra; e ao que quer demandar contigo e tirar-te a túnica, deixa-lhe também a capa. Se alguém te obrigar a andar uma milha, vai com ele duas. Dá a quem te pede, e não voltes as costas ao que deseja que lhe emprestes.” (Mateus 5:38-42).

O seu propósito foi afastar a prática da vingança fundada na *lex talionis*³⁶ “do olho por olho, dente por dente, mão por mão, pé por pé”³⁷, uma vez que este princípio de retribuição judicial estava sendo utilizado como desculpa exatamente para aquilo que devia abolir, isto é, a vingança pessoal” (WENHAM, 1972, p. 35).

Note-se que Jesus não contradiz o princípio jurídico que pertence à alçada dos tribunais e ao juízo de Deus, mas estabelece que, nos relacionamentos pessoais, deve ser superado pela lei do amor. Nosso dever para com os indivíduos que nos prejudicam não é a vingança, mas a benignidade. Este é um preceito de amor e não de insensatez, Jesus não promove a irresponsabilidade ou a impunidade que incentiva o mal, mas a paciência que renuncia a vingança, a não retaliação, que põe fim à espiral da violência.

Citarei aqui como exemplo Martin Luther King, que, não temos dúvidas, teve de suportar muitos sofrimentos injustos; a sua casa foi atacada com bombas, viveu durante treze anos sob constantes ameaças de morte, foi maliciosamente injuriado, foi esfaqueado por um membro da sua própria raça – aqueles que ele tanto defendia –, foi preso mais de vinte vezes, foi traído pelos seus amigos, e, não obstante, este homem não guardava amargura em seu coração, nem rancor em sua alma, nem espírito de vingança em sua mente; e ele andou por este mundo pregando a não violência e o poder redentor do amor (KING, 1970, p. 365, 369). Em um dos seus sermões, “Amando os seus inimigos”, escrito numa cadeia da Geórgia, ressalta que “O ódio multiplica o ódio... em uma espiral descendente de violência” e que é “exatamente tão perigoso para a pessoa que odeia como para a sua vítima”. Mas, acima de tudo, “o amor é a única força capaz de transformar um inimigo em um amigo”, pois tem poder “criativo e redentor”.

36 Esta lei estabelece o princípio de uma retribuição exata, com fundamento na justiça, especificando o castigo que o culpado merecia, para limitar a compensação da vítima ao exato dano equivalente, e nada mais. Atualmente na Lei Islâmica ainda é aplicada literalmente, a não ser que a pessoa ferida desista de cobrar a penalidade, ou que seus herdeiros prefiram o dinheiro do sangue. J. STOTT, A Mensagem do Sermão do Monte, São Paulo: ABU, 1986, p.102.

37 Ex 21:22-25

7.1.2 O amor aos inimigos

“Ouvistes que foi dito: Amarás o teu próximo, e odiarás o teu inimigo. Eu, porém, vos digo: Amai os vossos inimigos e orai pelos que vos perseguem.” Mateus 5:43-44.

A doutrina do amor ao próximo, inclusive aos inimigos, exercerá uma influência revolucionária através dos séculos, porque, em primeiro lugar, **propicia a liberdade individual**. Uma vez que ninguém pode exigir ser amado pela força, não existe amor forçado. **O amor exige a vontade plenamente livre**. Em segundo lugar, **o amor propicia a igualdade entre os homens**. Uma vez que, como mais tarde o próprio Jesus exemplificará claramente na parábola do bom samaritano³⁸, o meu próximo não é, necessariamente, um parente, um membro da minha própria raça, classe social, partido político ou religião. Pode até não ter qualquer ligação comigo. Pode ser, inclusive, o meu inimigo. O que o faz ser o meu próximo é simplesmente o fato de ser um ser humano, carente e necessitado, do qual eu tomei conhecimento, tendo eu a possibilidade de ajudá-lo de alguma forma (Cf. STOTT, 1986, p. 118).

Em síntese, o amor nos iguala, nos leva a considerar a nossa finitude e fragilidade. Deixando de lado aspectos circunstanciais de nossa existência, como Paulo escreve aos gálatas, “não há judeu nem grego, não há escravo nem livre, não há homem nem mulher, pois todos vós sois um em Cristo Jesus”³⁹ não se refere a uma igualdade natural, mas a uma igualdade adquirida pela fé em Cristo Jesus. Logo, a igualdade é corolário do próprio Evangelho, que exige inclusive o amor aos inimigos.

7.2 Outras implicações do amor

i) O mandamento do amor tem também implicações sociais e políticas evidentes. Em primeiro lugar, devemos esclarecer que aqui se trata do amor ágape, que se doa sem esperar nada em troca, se trata do amor sacrificial. O amor de Jesus não é o Eros platônico nem o Philia aristotélico, é a Caridade como explicitada por Paulo em 1 Coríntios 13; segue-se daí que se todas as ações humanas têm como raiz o amor (a caridade), haveria uma mudança radical no mundo.

Agostinho escreveu “...**Ouçá, pois, de uma vez, um breve preceito: Ame e você pode fazer o que quiser; se você se cala, se você grita, se você corrige, se você perdoa, cale, grite, corrija e perdoe pelo amor**”⁴⁰. Evidentemente que se as nossas ações têm como raiz a caridade (o amor ágape), não pode brotar delas nenhum mal. Pense o leitor o impacto positivo

38 Lc 10:29-37.

39 Gl 3:28.

40 S. AGUSTIN, Exposiciones de la Epístola de S. Juan a los Partos, Exp. VII, 8, in J. M. BONINO, Ama y haz lo que quieras – Hacia una ética del hombre nuevo, Buenos Aires: Escatón/La Aurora, 1973, p. 125.

disso no âmbito das relações interpessoais, da família, das sociedades intermediárias, dos grupos sociais, da sociedade política, dos negócios públicos e privados, dos Estados e das relações internacionais.

ii) Em segundo lugar, o mandamento do amor estabelece a regra de ouro das relações humanas⁴¹ e dos deveres do homem. Uma vez que, como todos, queremos sempre ser amados e receber o bem dos outros, a lei do amor exige que façamos da mesma maneira a todos. No sentido negativo, não devemos fazer aos outros o mal que não queremos receber.

A universalidade deste mandamento cristão (como padrão das relações humanas e dos deveres do homem) é demonstrada pelo fato de que o estabelecido no Antigo Testamento, vivido por Jesus Cristo e pregado no Sermão do Monte, tenha sido recolhido pelos revolucionários franceses no artigo dois, dos deveres do homem e do cidadão: *“Ne faites pas à autrui ce que vous ne voudriez pas qu’on vous fit. Faites constamment aux autres le bien que vous voudriez en recevoir”*⁴², insculpido pelo Diretório na *Déclaration des droits et des devoirs de l’homme et du citoyen, Constitution du 5 Fructidor an III*, (22 de agosto de 1795), é cópia fiel do evangelho de Mateus (7:12) e de Lucas (6:31).

7.3 O ensino da compaixão, o cuidado dos enfermos e a valorização dos pobres e excluídos⁴³

Para contextualizar este ensino e dar-lhe expressão prática, Jesus ilustra com a parábola do bom samaritano⁴⁴, em que um judeu, tendo sido atacado por meliantes e deixado como morto à beira do caminho, foi socorrido por um samaritano⁴⁵, que lhe atou as feridas e o conduziu na sua própria cavalgadura até uma hospedaria (hospital da época), salvando-lhe, assim, a vida.

Em Atos dos Apóstolos⁴⁶, Lucas nota que Jesus foi “aquele que andou fazendo o bem”. A missão dele era o chamado ao arrependimento e a aceitação das boas novas da salvação. Coerente com seu ensino, Jesus servia os necessitados, curava enfermos, alimentava os famintos. Imagine o leitor o impacto dessa ação solidária naquele tempo em que não havia saúde pública, previdência social, nem assistência social.

41 Mt 7:12; Lc 6:31.

42 Tradução livre do editor: “Não faça a outro o que não queres que alguém faça a ti mesmo. Faça constantemente para outros o bem que queiras receber”.

43 Jesus os chamou e disse: “Vocês sabem que os governantes das nações as dominam, e as pessoas importantes exercem poder sobre elas. Não será assim entre vocês. Ao contrário, quem quiser tornar-se importante entre vocês deverá ser servo, e quem quiser ser o primeiro deverá ser escravo; como o Filho do homem, que não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate por muitos”. Mateus 20:25-28 (NVI).

44 Lc 10:30.

45 Povo desprezado pelos judeus. Eram colonos enviados pelo rei da Assíria a fim de habitarem na terra de Israel depois do cativeiro. Ver: 2Rs 17:24-41; Jo 4:9.

46 10:38.

De acordo com Stott (2003, p. 49-50), “Jesus não temia encontrar-se cara a cara com a necessidade humana e toda a sua angustiada realidade. E quando viu [a necessidade], inevitavelmente foi movido à compaixão e a um serviço efetivo. Algumas vezes, expressou o seu sentimento com palavras; mas jamais sua compaixão se diluiu somente em palavras. Sempre foi concretizada em atos. Viu, sentiu e agiu. A motivação para a ação passou dos olhos ao coração e daí para as mãos. Tinha sempre compaixão ao ver a necessidade humana, e sempre a demonstrava com uma ação positiva”.

Esse ensino e prática terão desdobramentos ao longo dos séculos até os dias de hoje tanto em iniciativas individuais como em esforços coletivos de socorro ao próximo, independentemente de idade, raça, cor, gênero ou nacionalidade.

Em 315, Constantino (primeiro imperador de Roma convertido ao cristianismo) promulgou uma lei considerando “parricídio” a morte infligida ao recém-nascido com malformações congênitas pelo *pater familias* (senhor de tudo e de todos no lar). Além disso, tomou providências para que o Estado colaborasse para a alimentação e o vestuário dos filhos recém-nascidos de famílias mais pobres (SILVA, 1987, p. 160).

Muitos cristãos, seguindo o exemplo de Jesus, começaram a ocupar-se dos mais necessitados. Surgiram, assim, hospitais, com a finalidade de abrigar viajantes enfermos e doentes agudos ou crônicos, e, dentre estes últimos, muitos casos de pessoas deficientes.

O primeiro hospital cristão de que se tem notícia foi criado por São Basílio, o Grande (329 a 379), célebre autoridade da Igreja na cidade de Cesárea, na Capadócia (atual Turquia). “Ali havia um lugar de repouso para o viajante, um abrigo para o velho, um hospital para o doente, com instalações reservadas para males humilhantes que arrastam consigo o contágio e a vergonha”⁴⁷.

A virtude mais importante dos bispos nos primeiros séculos da Igreja era a hospitalidade. Assim, em 451, o Concílio de Calcedônia, para impulsioná-los a uma atuação prática, outorgou-lhes a responsabilidade de organizar e prestar assistência aos pobres e aos enfermos. Essa assistência, no começo espontânea, passou a ser regulamentada, como indicam alguns concílios da Igreja na Gália. O primeiro desses concílios (Orleans, 511) contou com a presença de Childebert, filho de Clóvis e Clotilde. O cânone décimo sexto dizia: “O bispo proverá alimentos e roupas, dentro da possibilidade de suas posses, para o pobre e para o enfermo que devido a seus males estejam impossibilitados de trabalhar por sua conta”. No 5º Concílio da Igreja Galesa (ano 549), o cânone vigésimo primeiro determinava: “Os bispos devem cuidar especialmente dos leprosos, dando-lhes comida e roupas” (Cf. SILVA, 1987, p. 166).

47 BROGLIE, J. L'Église et l'empire romain au IVe. Siècle, Paris: Pierrin, 1900, *apud*, O. SILVA, *op. cit.*, p. 163.

No ano 542, convencido das prementes necessidades dos enfermos pobres impossibilitados de se tratar, o rei franco Childebert construiu um hospital na cidade de Lyon. Todos os envolvidos, reis e bispos, viam-se impelidos pelas decisões conciliares⁴⁸ a dar abrigo e ajuda aos pobres e àqueles doentes que eram abandonados pelos seus parentes.

7.4 O ensino em relação ao poder

Rejeitando todas as opções políticas do seu tempo, Jesus adotou a sua própria política baseada em um novo conceito de poder – “aquele que queira ser governador deve servir aos demais e aquele que queira ser o primeiro deve ser o servidor de todos”⁴⁹.

A busca do poder e das suas prerrogativas e privilégios, do seu brilho e da sua glória sempre seduziu os homens. Qohelet, que foi grande proprietário e rei de Israel, qualifica todo poder humano de forma implacável: como vaidade⁵⁰, opressão⁵¹ e loucura⁵². Ellul sublinha *“il faut remarquer en terminant qu’ici, contrairement à ce que nous verrons pour presque toutes les autres vanités, il n’y a aucune contrepartie, aucune réserve, aucune “dialectique”. Tout le pouvoir est ainsi qualifié – sans réserve et sans nuance”*⁵³ (1987, p. 100).

Por sua parte, Jesus, sabendo da ação deletéria do poder, sempre o recusou⁵⁴, e ensinou aos seus discípulos: “sabeis que os que são considerados governadores dos gentios, deles se assenhoreiam, e os seus grandes exercem autoridade sobre eles. Entre vós não será assim”⁵⁵.

Chegamos aqui à fonte dos conceitos modernos de não violência e não poderio referidos por Ellul (1985, p. 279), isto é,

48 A Igreja já havia organizado os concílios de Nicéia (325), Constantinopla (381), Éfeso (431) e Calcedônia (451).

49 Mc 10: 43-44; Mt 20:25-28.

50 A respeito da vaidade, Ellul escreve: *“Il faut peut-être rapprocher cela d’une phrase incisive de Job, s’adressant à ses amis (XII,2): «Vous êtes le peuple, et avec vous mourra la sagesse!» Ainsi, se rappeler que la Sagesse, toute renommée, toute culture, sont essentiellement relatives, temporaires, fragiles, incertaines, ne durent pas plus qu’une génération du peuple, qui meurt vite. Le peuple n’est pas Dieu. Il ne dit jamais ni en politique ni en vérité le dernier mot. Et la renommée, la «gloire» auprès des foules n’est rien, n’a rien à voir avec la Révélation de Dieu. «Vox populi, vox Dei» est un mensonge ... dans ces conditions, il est parfaitement ridicule de vouloir acquérir gloire et réputation mondiale”* (1987, p. 94). Consultar também, Ec 4:16; Ec 7:1; Ec 1:11 e Ec 9:15.

51 “De novo voltei-me, e atentei para todas as opressões que se fazem debaixo do sol: vi as lágrimas dos oprimidos, e eles não têm consolador; o poder estava do lado dos seus opressores, mas eles não tinham nenhum consolador” Ec 4: 1. Consultar ainda Ec 3:16; Ec 5:8 e Ec 7:7.

52 Ec 4:13; Ec 10:5-6.

53 Tradução livre do editor: “Assinalando, deve-se notar que aqui, ao contrário do que vemos em quase todas as outras vaidades, não há nenhuma contrapartida, sem reservas, sem “dialética”. Todo o poder está bem qualificado – sem reservas e sem ressalvas”. (ELLUL, 1987, p. 100)

54 Sobre o assunto ver Mt 4:1-11; Mc 1:12-13; João 6:14-15.

55 Mc 10:42-43.

a opção consciente e radical de não dominar, não explorar e, inclusive, de renunciar a privilégios, meios e instrumentos de poder que se tem em virtude de certa colocação, posição ou função pública ou privada. Da mesma forma, para desatar o nó górdio apresentado por Ellul (1985, p. 272-276) para que cada um de nós se liberte do Número (da eficácia, do poderio – do indivíduo, da classe ou nação –, do consumo, da busca do lucro, e do primado do ter sobre o ser) e do Sagrado (do dinheiro, do trabalho, dos objetos, da ciência e da técnica que foram investidos de sagrado sendo reverenciados de forma absoluta pelo homem em nossa época). É necessário assumir a política de Jesus de renúncia ao poder, à sua empáfia e soberba, e revestir-se da singeleza do serviço aos demais.

8 Conclusões

Em *Mudar de Revolução*, Ellul apresenta em dois grandes âmbitos o estrutural e o existencial, o germe de um quase-programa político revolucionário abrindo a possibilidade teórica de uma mudança da sociedade técnica, contradizendo assim os críticos da sua obra que sempre o qualificaram de pessimista.

Após fazer um balanço das experiências revolucionárias frustradas, o pensador da Universidade de Bordeaux considera que o objetivo de Marx de instaurar um socialismo revolucionário que ponha fim ao proletariado e às suas alienações e garanta a libertação do homem continua sendo válido.

Considera que uma revolução hoje deve ser feita contra o Estado suprimindo-o e contra a técnica orientando-a no sentido da libertação do homem (1985, p. 246, 258).

Afirma que uma revolução socialista completamente diferente das vivenciadas até agora é possível. Que a informática, a telemática e a tecnetrônica dão ao socialismo a possibilidade de alcançar a democratização política e ao mesmo tempo reorientar a técnica.

No plano existencial que está estreitamente integrado ao estrutural entende que a Revelação de Deus em Jesus Cristo pode fornecer ao mesmo tempo a alavanca e o ponto de apoio para a revolução. Situa-se aqui no âmbito da fé baseada na mensagem bíblica, apresentando nove âmbitos éticos onde se deve expressar um homem genuinamente transformado pela mensagem do Evangelho.

Por uma escolha metodológica, analisamos os dois mais importantes, a saber: a dessacralização de tudo aquilo que o homem apresenta a si mesmo como ídolos e a relação humana totalmente desinteressada (amor ágape).

Assim, o homem que nos é mostrado em Jesus Cristo poderá fazer avançar o processo revolucionário por que:

- Manifestará amor ao próximo, que se desdobra em não vingança, amor aos inimigos, e cumprimento da regra de ouro das relações interpessoais de fazermos aos outros tudo que queremos que nos façam;
- Será compassivo, preocupando-se pelos enfermos e valorizando os pobres e excluídos;
- Optará conscientemente pelo não poderio, renunciando ao poder, aos seus ganhos e privilégios, assumindo ser o servidor de todos.

Em relação ao ponto de apoio, continua imutável, é o próprio Deus como Senhor da História, que criou o homem livre e se regozija em vê-lo desfazer os seus grilhões.

Referências Bibliográficas

BÍBLIA Sagrada, Nova Versão Internacional. São Paulo: Sociedade Bíblica Internacional, 2000.

BÍBLIA de Estudo Vida. São Paulo: Editora Vida, 1998.

BÍBLIA de Referência Thompson. São Paulo: Editora Vida, 1992.

BALLESTER, J. M. São João da Cruz: “Noite escura” lida hoje. Tradução I. F. L. Ferreira. São Paulo: Paulus, 1993.

BONINO, J. M. Ama y haz lo que quieras – Hacia una ética del hombre nuevo. Buenos Aires: Escatón/La Aurora, 1973.

ELLUL, Jacques. Mudar de Revolução. O inelutável proletariado. Rio de Janeiro: Rocco, 1985.

ELLUL, Jacques. La raison d'être. Méditation sur l'Écclésiaste. Paris: Éditions du Seuil, 1987.

ELLUL, J. Les nouveaux possédés. Paris: Fayard, 2003.

ELLUL, J. Autopsie de la révolution. Paris: La Table Ronde, 2008.

EVANS, M. A Mulher na Bíblia: uma reavaliação do papel da mulher na igreja e na sociedade, São Paulo: ABU, 1986.

KIERKEGAARD, S. Coleção “Os Pensadores”, São Paulo: Abril Cultural, 1979.

KING, C. S. My Life with Martin Luther King Jr, Hodder & Stoughton, 1970.

KING, M. L. Strength to love, Fontana, 1969.

NOWEN, H. Tudo se fez novo: Um convite à vida espiritual. Tradução de Billy Viveiros. Brasília/DF: Palavra, 2007.

SILVA, O. A Epopeia Ignorada – A Pessoa Deficiente na História do Mundo de Ontem e de Hoje, São Paulo: CEDAS, 1987.

STOTT, J. A Mensagem do Sermão do Monte, São Paulo: ABU, 1986, p. 102.

STOTT, J. Romanos. São Paulo: ABU, 2000.

STOTT, J. A Compaixão de Jesus. In: Tive Fome – Um desafio a servir a Deus no mundo, São Paulo: ABU/Visão Mundial, 2003.

TROUDE-CHASTENET, P. Lire Ellul. Introduction a l'oeuvre socio-politique de Jacques Ellul. Bordeaux: Presses universitaires de Bordeaux, 1992. WENHAM, J. W. Christ and the Bible, Tyndale Press, 1972.

CADERNOS IHU IDEIAS

- N. 01 *A teoria da justiça de John Rawls* – José Nedel
- N. 02 *O feminismo ou os feminismos: Uma leitura das produções teóricas* – Edla Eggert
O Serviço Social junto ao Fórum de Mulheres em São Leopoldo – Clair Ribeiro Ziebell e Acadêmicas Anemarie Kirsch Deutrich e Magali Beatriz Strauss
- N. 03 *O programa Linha Direta: a sociedade segundo a TV Globo* – Sonia Montañó
- N. 04 *Ermani M. Fiori – Uma Filosofia da Educação Popular* – Luiz Gilberto Kronbauer
- N. 05 *O ruído de guerra e o silêncio de Deus* – Manfred Zeuch
- N. 06 *BRASIL: Entre a Identidade Vazia e a Construção do Novo* – Renato Janine Ribeiro
- N. 07 *Mundos televisivos e sentidos identitários na TV* – Suzana Kilpp
- N. 08 *Simões Lopes Neto e a Invenção do Gaúcho* – Márcia Lopes Duarte
- N. 09 *Oligopólios midiáticos: a televisão contemporânea e as barreiras à entrada* – Valério Cruz Brittos
- N. 10 *Futebol, mídia e sociedade no Brasil: reflexões a partir de um jogo* – Édison Luis Gastaldo
- N. 11 *Os 100 anos de Theodor Adorno e a Filosofia depois de Auschwitz* – Márcia Tiburi
- N. 12 *A domesticação do exótico* – Paula Caleffi
- N. 13 *Pomeranas parceiras no caminho da roça: um jeito de fazer Igreja, Teologia e Educação Popular* – Edla Eggert
- N. 14 *Júlio de Castilhos e Borges de Medeiros: a prática política no RS* – Gunter Axt
- N. 15 *Medicina social: um instrumento para denúncia* – Stela Nazareth Meneghel
- N. 16 *Mudanças de significado da tatuagem contemporânea* – Débora Kruschke Leitão
- N. 17 *As sete mulheres e as negras sem rosto: ficção, história e trivialidade* – Mário Maestri
- N. 18 *Um itinerário do pensamento de Edgar Morin* – Maria da Conceição de Almeida
- N. 19 *Os donos do Poder, de Raymundo Faoro* – Helga Iracema Ladgraf Piccolo
- N. 20 *Sobre técnica e humanismo* – Oswaldo Giacóia Junior
- N. 21 *Construindo novos caminhos para a intervenção societária* – Lucilda Selli
- N. 22 *Física Quântica: da sua pré-história à discussão sobre o seu conteúdo essencial* – Paulo Henrique Dionísio
- N. 23 *Atualidade da filosofia moral de Kant, desde a perspectiva de sua crítica a um solipsismo prático* – Valério Rohden
- N. 24 *Imagens da exclusão no cinema nacional* – Miriam Rossini
- N. 25 *A estética discursiva da tevê e a (des)configuração da informação* – Nísia Martins do Rosário
- N. 26 *O discurso sobre o voluntariado na Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS* – Rosa Maria Serra Bavaresco
- N. 27 *O modo de objetivação jornalística* – Beatriz Alcaraz Marocco
- N. 28 *A cidade afetada pela cultura digital* – Paulo Edison Belo Reyes
- N. 29 *Prevalência de violência de gênero perpetrada por companheiro: Estudo em um serviço de atenção primária à saúde* – Porto Alegre, RS – José Fernando Dresch Kronbauer
- N. 30 *Getúlio, romance ou biografia?* – Juremir Machado da Silva
- N. 31 *A crise e o êxodo da sociedade salarial* – André Gorz
- N. 32 *À meia luz: a emergência de uma Teologia Gay – Seus dilemas e possibilidades* – André Sidnei Muskopf
- N. 33 *O vampirismo no mundo contemporâneo: algumas considerações* – Marcelo Pizarro Noronha
- N. 34 *O mundo do trabalho em mutação: As reconfigurações e seus impactos* – Marco Aurélio Santana
- N. 35 *Adam Smith: filósofo e economista* – Ana Maria Bianchi e Antonio Tiago Loureiro Araújo dos Santos
- N. 36 *Igreja Universal do Reino de Deus no contexto do emergente mercado religioso brasileiro: uma análise antropológica* – Ailton Luiz Jungblut
- N. 37 *As concepções teórico-analíticas e as proposições de política econômica de Keynes* – Fernando Ferrari Filho
- N. 38 *Rosa Egípcia: Uma Santa Africana no Brasil Colonial* – Luiz Mott
- N. 39 *Malthus e Ricardo: duas visões de economia política e de capitalismo* – Gentil Corazza
- N. 40 *Corpo e Agenda na Revista Feminina* – Adriana Braga
- N. 41 *A (anti)filosofia de Karl Marx* – Leda Maria Paulani
- N. 42 *Veblen e o Comportamento Humano: uma avaliação após um século de “A Teoria da Classe Ociosa”* – Leonardo Monteiro Monasterio
- N. 43 *Futebol, Mídia e Sociabilidade. Uma experiência etnográfica* – Édison Luis Gastaldo, Rodrigo Marques Leistner, Ronei Teodoro da Silva e Samuel McGinity
- N. 44 *Genealogia da religião. Ensaio de leitura sistêmica de Marcel Gauchet. Aplicação à situação atual do mundo* – Gérard Donnadiu
- N. 45 *A realidade quântica como base da visão de Teilhard de Chardin e uma nova concepção da evolução biológica* – Lothar Schäfer
- N. 46 *“Esta terra tem dono”. Disputas de representação sobre o passado missionário no Rio Grande do Sul: a figura de Sepé Tiaraju* – Ceres Karam Brum
- N. 47 *O desenvolvimento econômico na visão de Joseph Schumpeter* – Achyles Barcelos da Costa
- N. 48 *Religião e elo social. O caso do cristianismo* – Gérard Donnadiu
- N. 49 *Copérnico e Kepler: como a terra saiu do centro do universo* – Geraldo Monteiro Sigaud
- N. 50 *Modernidade e pós-modernidade – luzes e sombras* – Evilázio Teixeira
- N. 51 *Violências: O olhar da saúde coletiva* – Éliada Azevedo Hennington e Stela Nazareth Meneghel
- N. 52 *Ética e emoções morais – Thomas Kesselring* *Juizados ou emoções: de quem é a primazia na moral?* – Adriano Naves de Brito
- N. 53 *Computação Quântica. Desafios para o Século XXI* – Fernando Haas
- N. 54 *Atividade da sociedade civil relativa ao desarmamento na Europa e no Brasil* – An Vranckx

- N. 55 *Terra habitável: o grande desafio para a humanidade* – Gilberto Dupas
- N. 56 *O decrescimento como condição de uma sociedade convívil* – Serge Latouche
- N. 57 *A natureza da natureza: auto-organização e caos* – Günter Küppers
- N. 58 *Sociedade sustentável e desenvolvimento sustentável: limites e possibilidades* – Hazel Henderson
- N. 59 *Globalização – mas como?* – Karen Gloy
- N. 60 *A emergência da nova subjetividade operária: a sociabilidade invertida* – Cesar Sanson
- N. 61 *Incidente em Antares e a Trajetória de Ficção de Erico Veríssimo* – Regina Zilberman
- N. 62 *Três episódios de descoberta científica: da caricatura empirista a uma outra história* – Fernando Lang da Silveira e Luiz O. Q. Peduzzi
- N. 63 *Negações e Silenciamentos no discurso acerca da Juventude* – Cátia Andressa da Silva
- N. 64 *Getúlio e a Gira: a Umbanda em tempos de Estado Novo* – Artur Cesar Isaia
- N. 65 *Darcy Ribeiro e o O povo brasileiro: uma alegoria humanista tropical* – Léa Freitas Perez
- N. 66 *Adoecer: Morrer ou Viver? Reflexões sobre a cura e a não cura nas reduções jesuítico-guaranis (1609-1675)* – Eliane Cristina Deckmann Fleck
- N. 67 *Em busca da terceira margem: O olhar de Nelson Pereira dos Santos na obra de Guimarães Rosa* – João Guilherme Barone
- N. 68 *Contingência nas ciências físicas* – Fernando Haas
- N. 69 *A cosmologia de Newton* – Ney Lemke
- N. 70 *Física Moderna e o paradoxo de Zenon* – Fernando Haas
- N. 71 *O passado e o presente em Os Inconfidentes, de Joaquim Pedro de Andrade* – Miriam de Souza Rossini
- N. 72 *Da religião e de juventude: modulações e articulações* – Léa Freitas Perez
- N. 73 *Tradição e ruptura na obra de Guimarães Rosa* – Eduardo F. Coutinho
- N. 74 *Raça, nação e classe na historiografia de Moysés Vellinho* – Mário Maestri
- N. 75 *A Geologia Arqueológica na Unisinos* – Carlos Henrique Nowatzki
- N. 76 *Campesinato negro no período pós-abolição: repensando Coronelismo, enxada e voto* – Ana Maria Lugão Rios
- N. 77 *Progresso: como mito ou ideologia* – Gilberto Dupas
- N. 78 *Michael Aglietta: da Teoria da Regulação à Violência da Moeda* – Octavio A. C. Conceição
- N. 79 *Dante de Laytano e o negro no Rio Grande Do Sul* – Moacyr Flores
- N. 80 *Do pré-urbano ao urbano: A cidade missioneira colonial e seu território* – Arno Alvarez Kern
- N. 81 *Entre Canções e versos: alguns caminhos para a leitura e a produção de poemas na sala de aula* – Gláucia de Souza
- N. 82 *Trabalhadores e política nos anos 1950: a ideia de "sindicalismo populista" em questão* – Marco Aurélio Santana
- N. 83 *Dimensões normativas da Bioética* – Alfredo Culleton e Vicente de Paulo Barretto
- N. 84 *A Ciência como instrumento de leitura para explicar as transformações da natureza* – Attico Chassot
- N. 85 *Demanda por empresas responsáveis e Ética Concorrencial: desafios e uma proposta para a gestão da ação organizada do varejo* – Patrícia Almeida Ashley
- N. 86 *Autonomia na pós-modernidade: um delírio?* – Mario Fleig
- N. 87 *Gauchismo, tradição e Tradicionalismo* – Maria Eunice Maciel
- N. 88 *A ética e a crise da modernidade: uma leitura a partir da obra de Henrique C. de Lima Vaz* – Marcelo Perine
- N. 89 *Limites, possibilidades e contradições da formação humana na Universidade* – Laurício Neumann
- N. 90 *Os índios e a História Colonial: lendo Cristina Pompa e Regina Almeida* – Maria Cristina Bohn Martins
- N. 91 *Subjetividade moderna: possibilidades e limites para o cristianismo* – Franklin Leopoldo e Silva
- N. 92 *Saberes populares produzidos numa escola de comunidade de catadores: um estudo na perspectiva da Etnomatemática* – Daiane Martins Bocasanta
- N. 93 *A religião na sociedade dos indivíduos: transformações no campo religioso brasileiro* – Carlos Alberto Steil
- N. 94 *Movimento sindical: desafios e perspectivas para os próximos anos* – Cesar Sanson
- N. 95 *De volta para o futuro: os precursores da nanotecnologia* – Peter A. Schulz
- N. 96 *Vianna Moog como intérprete do Brasil* – Enildo de Moura Carvalho
- N. 97 *A paixão de Jacobina: uma leitura cinematográfica* – Marinês Andrea Kunz
- N. 98 *Resiliência: um novo paradigma que desafia as religiões* – Susana Maria Rocca Larrosa
- N. 99 *Sociabilidades contemporâneas: os jovens na lan house* – Vanessa Andrade Pereira
- N. 100 *Autonomia do sujeito moral em Kant* – Valerio Rohden
- N. 101 *As principais contribuições de Milton Friedman à Teoria Monetária: parte 1* – Roberto Camps Moraes
- N. 102 *Uma leitura das inovações bio(nano)tecnológicas a partir da sociologia da ciência* – Adriano Premebida
- N. 103 *ECODI – A criação de espaços de convivência digital virtual no contexto dos processos de ensino e aprendizagem em metaverso* – Eliane Schlemmer
- N. 104 *As principais contribuições de Milton Friedman à Teoria Monetária: parte 2* – Roberto Camps Moraes
- N. 105 *Futebol e identidade feminina: um estudo etnográfico sobre o núcleo de mulheres gremistas* – Marcelo Pizarro Noronha
- N. 106 *Justificação e prescrição produzidas pelas Ciências Humanas: Igualdade e Liberdade nos discursos educacionais contemporâneos* – Paula Corrêa Henning
- N. 107 *Da civilização do segredo à civilização da exibição: a família na vitrine* – Maria Isabel Barros Bellini
- N. 108 *Trabalho associado e ecologia: vislumbrando um ethos solidário, termo e democrático?* – Telmo Adams
- N. 109 *Transumanismo e nanotecnologia molecular* – Celso Candido de Azambuja
- N. 110 *Formação e trabalho em narrativas* – Leandro R. Pinheiro

- N. 111 *Autonomia e submissão: o sentido histórico da administração – Yeda Crusius no Rio Grande do Sul* – Mário Maestri
- N. 112 *A comunicação paulina e as práticas publicitárias: São Paulo e o contexto da publicidade e propaganda* – Denis Gerson Simões
- N. 113 *Isto não é uma janela: Flusser, Surrealismo e o jogo contra* – Esp. Yentl Delanhesi
- N. 114 *SBT: jogo, televisão e imaginário de azar brasileiro* – Sonia Montañó
- N. 115 *Educação cooperativa solidária: perspectivas e limites* – Carlos Daniel Baioto
- N. 116 *Humanizar o humano* – Roberto Carlos Favero
- N. 117 *Quando o mito se torna verdade e a ciência, religião* – Rôber Freitas Bachinski
- N. 118 *Colonizando e descolonizando mentes* – Marcelo Dascal
- N. 119 *A espiritualidade como fator de proteção na adolescência* – Luciana F. Marques e Débora D. Dell'Aglio
- N. 120 *A dimensão coletiva da liderança* – Patrícia Martins Fagundes Cabral e Nedio Seminotti
- N. 121 *Nanotecnologia: alguns aspectos éticos e teológicos* – Eduardo R. Cruz
- N. 122 *Direito das minorias e Direito à diferenciação* – José Rogério Lopes
- N. 123 *Os direitos humanos e as nanotecnologias: em busca de marcos regulatórios* – Wilson Engelmann
- N. 124 *Desejo e violência* – Rosane de Abreu e Silva
- N. 125 *As nanotecnologias no ensino* – Solange Binotto Fagan
- N. 126 *Câmara Cascudo: um historiador católico* – Bruna Rafaela de Lima
- N. 127 *O que o câncer faz com as pessoas? Reflexos na literatura universal: Leo Tolstói* – Thomas Mann – Alexander Soljenitsin – Philip Roth – Karl-Josef Kuschel
- N. 128 *Dignidade da pessoa humana e o direito fundamental à identidade genética* – Ingo Wolfgang Sarlet e Selma Rodrigues Petterle
- N. 129 *Aplicações de caos e complexidade em ciências da vida* – Ivan Amaral Guerrini
- N. 130 *Nanotecnologia e meio ambiente para uma sociedade sustentável* – Paulo Roberto Martins
- N. 131 *A phília como critério de inteligibilidade da mediação comunitária* – Rosa Maria Zaia Borges Abrão
- N. 132 *Linguagem, singularidade e atividade de trabalho* – Marlene Teixeira e Ederson de Oliveira Cabral
- N. 133 *A busca pela segurança jurídica na jurisdição e no processo sob a ótica da teoria dos sistemas sociais de Nicklass Luhmann* – Leonardo Grison
- N. 134 *Motores Biomoleculares* – Ney Lemke e Luciano Hennemann
- N. 135 *As redes e a construção de espaços sociais na digitalização* – Ana Maria Oliveira Rosa
- N. 136 *De Marx a Durkheim: Algumas apropriações teóricas para o estudo das religiões afro-brasileiras* – Rodrigo Marques Leistner
- N. 137 *Redes sociais e enfrentamento do sofrimento psíquico: sobre como as pessoas reconstruem suas vidas* – Breno Augusto Souto Maior Fontes
- N. 138 *As sociedades indígenas e a economia do dom: O caso dos guaranis* – Maria Cristina Bohn Martins
- N. 139 *Nanotecnologia e a criação de novos espaços e novas identidades* – Marise Borba da Silva
- N. 140 *Platão e os Guarani* – Beatriz Helena Domingos
- N. 141 *Direitos humanos na mídia brasileira* – Diego Airoso da Motta
- N. 142 *Jornalismo Infantil: Apropriações e Aprendizagens de Crianças na Recepção da Revista Recreio* – Greyce Vargas
- N. 143 *Derrida e o pensamento da desconstrução: o redimensionamento do sujeito* – Paulo Cesar Duque-Estrada
- N. 144 *Inclusão e Biopolítica* – Maura Corcini Lopes, Kamila Lockmann, Morgana Domênica Hattge e Viviane Klaus
- N. 145 *Os povos indígenas e a política de saúde mental no Brasil: composição simétrica de saberes para a construção do presente* – Bianca Sordi Stock
- N. 146 *Reflexões estruturais sobre o mecanismo de REDD* – Camila Moreno
- N. 147 *O animal como próximo: por uma antropologia dos movimentos de defesa dos direitos animais* – Caetano Sordi
- N. 148 *Avaliação econômica de impactos ambientais: o caso do aterro sanitário em Canoas-RS* – Fernanda Schutz
- N. 149 *Cidadania, autonomia e renda básica* – Josué Pereira da Silva
- N. 150 *Imagética e formações religiosas contemporâneas: entre a performance e a ética* – José Rogério Lopes
- N. 151 *As reformas político-econômicas pombalinas para a Amazônia: e a expulsão dos jesuítas do Grão-Pará e Maranhão* – Luiz Fernando Medeiros Rodrigues
- N. 152 *Entre a Revolução Mexicana e o Movimento de Chiapas: a tese da hegemonia burguesa no México ou "por que voltar ao México 100 anos depois"* – Claudia Wasserman
- N. 153 *Globalização e o pensamento econômico franciscano: Orientação do pensamento econômico franciscano e Caritas in Veritate* – Stefano Zamagni
- N. 154 *Ponto de cultura teko arandu: uma experiência de inclusão digital indígena na aldeia kaiowá e guarani Te'yikue no município de Caarapó-MS* – Neimar Machado de Sousa, Antonio Brand e José Francisco Sarmiento
- N. 155 *Civilizar a economia: o amor e o lucro após a crise econômica* – Stefano Zamagni
- N. 156 *Intermitências no cotidiano: a clínica como resistência inventiva* – Mário Francis Petry Londero e Simone Mainieri Paulon
- N. 157 *Democracia, liberdade positiva, desenvolvimento* – Stefano Zamagni
- N. 158 *"Passemos para a outra margem": da homofobia ao respeito à diversidade* – Omar Lucas Perroux Fortes de Sales
- N. 159 *A ética católica e o espírito do capitalismo* – Stefano Zamagni
- N. 160 *O Slow Food e novos princípios para o mercado* – Eriberto Nascente Silveira
- N. 161 *O pensamento ético de Henri Bergson: sobre As duas fontes da moral e da religião* – André Brayner de Farias
- N. 162 *O modus operandi das políticas econômicas keynesianas* – Fernando Ferrari Filho e Fábio Henrique Bittes Terra
- N. 163 *Cultura popular tradicional: novas mediações e legitimações culturais de mestres populares paulistas* – André Luiz da Silva

- N. 164 *Será o decrescimento a boa nova de Ivan Illich?* – Serge Latouche
- N. 165 *Agostos! A “Crise da Legalidade”: vista da janela do Consulado dos Estados Unidos em Porto Alegre* – Carla Simone Rodeghero
- N. 166 *Convivialidade e decrescimento* – Serge Latouche
- N. 167 *O impacto da plantação extensiva de eucalipto nas culturas tradicionais: Estudo de caso de São Luís do Paraitinga* – Marcelo Henrique Santos Toledo
- N. 168 *O decrescimento e o sagrado* – Serge Latouche
- N. 169 *A busca de um ethos planetário* – Leonardo Boff
- N. 170 *O salto mortal de Louk Hulsman e a desinstitucionalização do ser: um convite ao abolicionismo* – Marco Antonio de Abreu Scapini
- N. 171 *Sub specie aeternitatis – O uso do conceito de tempo como estratégia pedagógica de religação dos saberes* – Gerson Egas Severo
- N. 172 *Theodor Adorno e a frieza burguesa em tempos de tecnologias digitais* – Bruno Pucci
- N. 173 *Técnicas de si nos textos de Michel Foucault: A influência do poder pastoral* – João Roberto Barros II
- N. 174 *Da mônada ao social: A intersubjetividade segundo Levinas* – Marcelo Fabri
- N. 175 *Um caminho de educação para a paz segundo Hobbes* – Lucas Mateus Dalsotto e Everaldo Cescon
- N. 176 *Da magnitude e ambivalência à necessária humanização da tecnociência segundo Hans Jonas* – Jelson Roberto de Oliveira
- N. 177 *Um caminho de educação para a paz segundo Locke* – Odair Camati e Paulo César Nodari
- N. 178 *Crime e sociedade estamental no Brasil: De como a ley es como la serpiente; solo pica a los descalzos* – Lenio Luiz Streck
- N. 179 *Um caminho de educação para a paz segundo Rousseau* – Mateus Boldori e Paulo César Nodari
- N. 180 *Limites e desafios para os direitos humanos no Brasil: entre o reconhecimento e a concretização* – Afonso Maria das Chagas
- N. 181 *Apátridas e refugiados: direitos humanos a partir da ética da alteridade* – Gustavo Oliveira de Lima Pereira
- N. 182 *Censo 2010 e religiões: reflexões a partir do novo mapa religioso brasileiro* – José Rogério Lopes
- N. 183 *A Europa e a ideia de uma economia civil* – Stefano Zamagni
- N. 184 *Para um discurso jurídico-penal libertário: a pena como dispositivo político (ou o direito penal como “discurso-limite”)* – Augusto Jobim do Amaral
- N. 185 *A identidade e a missão de uma universidade católica na atualidade* – Stefano Zamagni
- N. 186 *A hospitalidade frente ao processo de reassentamento solidário aos refugiados* – Joseane Marièle Schuck Pinto
- N. 187 *Os arranjos colaborativos e complementares de ensino, pesquisa e extensão na educação superior brasileira e sua contribuição para um projeto de sociedade sustentável no Brasil* – Marcelo F. de Aquino
- N. 188 *Os riscos e as loucuras dos discursos da razão no campo da prevenção* – Luis David Castiel
- N. 189 *Produções tecnológicas e biomédicas e seus efeitos produtivos e prescritivos nas práticas sociais e de gênero* – Marlene Tamanini
- N. 190 *Ciência e justiça: Considerações em torno da apropriação da tecnologia de DNA pelo direito* – Claudia Fonseca
- N. 191 *#VEMpraRUA: Outono brasileiro? Leituras* – Bruno Lima Rocha, Carlos Gadea, Giovanni Alves, Giuseppe Cocco, Luiz Werneck Vianna e Rudá Ricci
- N. 192 *A ciência em ação de Bruno Latour* – Leticia de Luna Freire
- N. 193 *Laboratórios e Extrações: quando um problema técnico se torna uma Questão sociotécnica* – Rodrigo Ciconet Dornelles
- N. 194 *A pessoa na era da biopolítica: autonomia, corpo e subjetividade* – Heloisa Helena Barboza
- N. 195 *Felicidade e Economia: uma retrospectiva histórica* – Pedro Henrique de Moraes Campetti e Tiago Wickstrom Alves
- N. 196 *A colaboração de Jesuítas, Leigos e Leigas nas Universidades confiadas à Companhia de Jesus: o diálogo entre humanismo evangélico e humanismo tecnocientífico* – Adolfo Nicolás
- N. 197 *Brasil: verso e reverso constitucional* – Fábio Konder Comparato
- N. 198 *Sem-religião no Brasil: Dois estranhos sob o guarda-chuva* – Jorge Claudio Ribeiro
- N. 199 *Uma ideia de educação segundo Kant: uma possível contribuição para o século XXI* – Felipe Bragagnolo e Paulo César Nodari
- N. 200 *Aspectos do direito de resistir e a luta social por moradia urbana: a experiência da ocupação Raízes da Praia* – Natalia Martinuzzi Castilho
- N. 201 *Desafios éticos, filosóficos e políticos da biologia sintética* – Jordi Maiso
- N. 202 *Fim da Política, do Estado e da cidadania?* – Roberto Romano
- N. 203 *Constituição Federal e Direitos Sociais: avanços e recuos da cidadania* – Maria da Glória Gohn
- N. 204 *As origens históricas do racionalismo, segundo Feyerabend* – Miguel Ángel Flach
- N. 205 *Compreensão histórica do regime empresarial-militar brasileiro* – Fábio Konder Comparato
- N. 206 *Sociedade tecnológica e a defesa do sujeito: Technological society and the defense of the individual* – Karla Saraiva
- N. 207 *Territórios da Paz: Territórios Produtivos?* – Giuseppe Cocco
- N. 208 *Justiça de Transição como Reconhecimento: limites e possibilidades do processo brasileiro* – Roberta Camineiro Baggio



Jorge David Barrientos-Parra possui graduação em Direito – Faculdades Metropolitanas Unidas (1982), mestrado em Direito pela Universidade de São Paulo (1990) e doutorado em Direito – Université Catholique de Louvain, Bélgica (1996). Atualmente é professor assistente da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho – UNESP. Tem experiência na área de Direito, com ênfase em Direito Constitucional e em Direitos Fundamentais, atuando principalmente nos seguintes temas:

princípios ético-jurídicos, políticas públicas, administração pública e crítica da sociedade tecnológica.

Algumas obras do autor

BARRIENTOS-PARRA, J. D. (Org.); MATOS, M.V. (Org.). *Direito, Técnica, Imagem: os limites e os fundamentos do humano*. 1. ed. São Paulo: Cultura Acadêmica Editora Unesp, 2013.

BARRIENTOS-PARRA, J. D. O Direito Penal Internacional e os Crimes Contra a Humanidade Cometidos pelo Estado ou por Indivíduos com a Convivência Estatal. *Revista de Informação Legislativa*, v. 192, p. 31--42, 2011.

BARRIENTOS-PARRA, J. D. (Org.). *L'Aube du Brésil*. 47. ed. Paris: AGIR, 2011. 191p.

BARRIENTOS-PARRA, J. D. (Org.); MIALHE, J. L. (Org.); MARTINS, R. D. (Org.); MATOS, M.V. (Org.); TROUDE-CHASTENET, P. (Org.). *Jacques Ellul: por uma análise crítica da moderna sociedade técnica*. 1. ed. Araraquara: Faculdade de Ciências e Letras – Universidade Estadual Paulista, 2009. v. 1. 294p.

Outras publicações

BARRIENTOS-PARRA, Jorge David. *Eficiência, resultado, inovação – A questão da técnica em Jacques Ellul*: entrevista [19.05.2014]. *Revista IHU On-Line*. São Leopoldo: Instituto Humanitas Unisinos – IHU. Entrevista concedida à Márcia Rosane Junges e Andriolli Costa.